

DITADURAS NO BRASIL E NA ALEMANHA ORIENTAL: REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA E DO SUJEITO EM CAIO FERNANDO ABREU E THOMAS BRUSSIG

DICTATORSHIPS IN BRAZIL AND EASTERN GERMANY: REPRESENTATIONS OF THE VIOLENCE AND OF THE SUBJECT IN CAIO FERNANDO ABREU AND THOMAS BRUSSIG

Carlos André Ferreira
Mestre em Teoria e História Literária¹
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
(anthithesis@yahoo.com.br)

RESUMO: Este trabalho tem o objetivo de analisar representações literárias da violência da ditadura militar brasileira (1964-1985) e da ditadura militar da Alemanha Oriental (1949-1989) a partir da relação entre violência e poder definida por Walter Benjamin. Pretende-se analisar produções que representaram os métodos violentos dos quais os regimes dos dois países lançaram mão em nome da “segurança nacional”. Para Benjamin (2011 [1921]) temos aí o uso da violência como meio para atingir uma nova ordem jurídica. Com a finalidade de fazer uma denúncia a fim de evitar que atos semelhantes não voltem a acontecer a literatura lida com a memória da violência das duas ditaduras, seja de maneira direta, como em *Morangos mofados* (1982) de Caio Fernando Abreu, seja pela via humorística, como em *O charuto apagado de Churchill* (1999) de Thomas Brussig. Em Caio Fernando Abreu, temos um balanço da ditadura e de situações enfrentadas por diversos personagens imersos na angústia e no desespero. Há uma crítica velada à impunidade dos perpetradores da violência e ao “apagamento” dos atos de barbárie após a Anistia de 1979. Com a mesma finalidade de denúncia, o trabalho de Thomas Brussig contém traços de humor e de ironia para representar os abusos cometidos pelo governo da Alemanha Oriental.

Palavras-chave: Teoria literária; Brasil; Alemanha; Ditadura militar; Representações da violência

ABSTRACT: This paper aims at analyzing literary representations of violence in Brazil military dictatorship (1964-1965) and the military dictatorship in East Germany (1949-1989) from the relationship between violence and power defined by Walter Benjamin. It is intended to analyze productions that represented the violent methods, from which the regimes of the two countries have made in the name of "national security". For Benjamin (2011 [1921]) we have, in this case, the use of violence as a means to achieve a new legal order. With the goal of making a complaint that similar acts will not happen again, the literature deals with the memory of the violence of the two dictatorships, whether directly, as in *Morangos mofados* (1982) by Caio Fernando Abreu, whether through humor, as in *O charuto apagado de Churchill* (1999) by Thomas Brussig. In Caio Fernando Abreu, we have a balance of dictatorship and situations faced by many characters immersed in grief and despair. There is an implied criticism to the impunity of perpetrators of violence and "erasure" of barbarism acts after the 1979 Amnesty. With the same complaint purpose, Thomas Brussig's work contains traces of humor and irony to represent the abuses committed by the government of East Germany.

Keywords: Literary theory; Brazil; Germany; Military dictatorship; Representations of violence

¹ Doutorando em Teoria e História Literária – UNICAMP

Introdução

Este artigo tem o objetivo de analisar representações da violência considerando a relação entre literatura e história. Consideraremos aqui de que modo a ditadura militar brasileira (1964-1965) e a queda do Muro de Berlim (1989) podem se constituir como pontos de partida para que uma reflexão acerca da violência possa ser levada a termo pela via da literatura. Fazendo uma breve contextualização a respeito do tema, podemos levantar a hipótese de que o golpe militar de 1964, responsável pela instauração de uma ditadura no Brasil, é fruto de um processo que remonta ao final da década de 1950 e ao início da década de 1960. Em âmbito internacional, a Guerra Fria e a disputa pela hegemonia econômica e política do mundo pelos blocos norte-americano (capitalista) e soviético (socialista) colocavam os demais países do globo sob a influência direta dos dois blocos. Os Estados Unidos, após a Revolução Cubana de 1959 e a instauração de um regime socialista no país, temiam que uma onda de levantes semelhantes fosse desencadeada mundo afora. Sendo assim, de maneira direta ou indireta, o governo norte-americano apoiou os golpes militares ocorridos na América Latina durante os anos 1960 e 1970. No Brasil, após a renúncia do presidente Jânio Quadros (1961) o vice, João Goulart, assumiu o governo federal num cenário carregado de tensão. As elites, temerosas com a possibilidade de ser deflagrada uma revolução socialista no país, não viam favoravelmente a política populista de Goulart, que defendia as reformas agrária, econômica e educacional. A insatisfação da classe dominante, dos militares e de considerável ala da igreja católica, somada à influência norte-americana, são fatores vitais para compreendermos o golpe militar de 31 de março de 1964, que depôs o governo do presidente João Goulart.

Assim como outras esferas da vida cultural, a produção literária brasileira é atingida de forma determinante pela política violenta do governo militar, principalmente depois de ser decretado, em 1968, o Ato Institucional nº 5 (AI-5) conforme veremos mais adiante. De qualquer forma, partindo dessas considerações, pretendemos analisar de que maneira a literatura irá lidar com as questões relacionadas à violência perpetrada pelos representantes do poder ditatorial no Brasil.

Podemos observar um quadro semelhante quando analisamos a literatura

produzida na Alemanha nos últimos vinte anos ao retomarmos o processo que culminou com a queda do Muro de Berlim (1989) e com a reunificação (1990). Este período, o da chamada *Wende* – “virada”, “transição”, trouxe consigo a rememoração do passado na Alemanha Oriental (RDA), e tem sido frequente nas produções literárias alemãs nos últimos vinte anos. No entanto, é possível visualizar duas correntes dentro de um mesmo movimento: uma é composta por textos marcados pela “ostalgia” (um neologismo alemão, *ostalgie*, criado a partir das palavras *ost* – oriente – e *ostalgie* – nostalgia) ou uma saudade dos tempos da RDA. A outra é marcada por uma narrativa que funciona como instrumento de denúncia dos abusos e da violência cometidos pelo governo totalitário do lado leste.

Para fins de análise, serão considerados dois autores representativos de cada momento histórico aqui apontado: Caio Fernando Abreu, no Brasil e Thomas Brussig, na Alemanha. Trabalharemos com o livro de contos *Morangos mofados* (1982), de Abreu e com o romance *O charuto apagado de Churchill* (1999), de Brussig.

A violência e sua relação com o poder da direita e com o poder da esquerda

Walter Benjamin inicia seu ensaio *Para uma crítica da violência* (2011 [1921]) procurando formular a base sobre a qual tentará estabelecer uma relação entre poder e violência, relação esta que, por sua vez, estaria diretamente ligada aos conceitos de direito e de justiça:

A tarefa de uma crítica da violência pode se circunscrever à apresentação de suas relações com o direito e com a justiça. Pois, qualquer que seja o modo como atua uma causa, ela só se transforma em violência, no sentido pregnante da palavra, quando interfere em relações éticas. A esfera dessas relações é designada pelos conceitos de direito e de justiça. Quanto ao primeiro deste, é claro que a relação mais elementar e fundamental de toda ordenação de direito é aquela entre fins e meios. Além disso, que, em princípio, a violência só pode ser procurada na esfera dos meios, não dos fins (BENJAMIN, 2011 [1921], pp. 121-122).

A julgar pela dupla possibilidade de tradução do termo em alemão *gewalt*, que tanto pode ser entendido como “violência” quanto como “poder” (SELIGMANN-SILVA, 2007, p. 213), e pensando na proposição benjaminiana de que

a violência deve ser procurada na “esfera dos meios” (IDEM) questionamos se é possível pensar numa ideia de crítica da violência como se esta fosse uma crítica do poder. Formulando melhor a indagação, não seriam, poder e violência, fadados a não conseguirem existir um sem o outro? Neste sentido, a violência como meio para se manter determinada ordem social e política não poderia ser compreendida como sendo o “estabelecimento de uma nova ordem jurídica”? (SELIGMANN-SILVA, 2007, p. 216).

Com base nessas reflexões iniciais, retomamos o objetivo deste artigo de fazer uma análise de representações literárias dos meios violentos e dos mecanismos de controle / manutenção do poder político usados por regimes de governo marcados por ideologias opostas. Tais são os casos da ditadura no Brasil (1964-1985), caracterizada por um sistema político de direita, e da ditadura da Alemanha Oriental (RDA – 1949 - 1989), marcada por uma política esquerdista fiel à União Soviética. Lembremos que aqui poder e violência serão, sempre, lidos a partir da ótica benjaminiana da *gewalt*. Apesar do texto de Benjamin ter sido escrito a partir de uma reflexão acerca da crise das instituições políticas na Europa do pós-1ª Guerra Mundial, o ensaio é bastante relevante para os fins deste artigo. Se levarmos em conta que uma guerra é um evento capaz de colocar um Estado nacional sob Estado de Exceção, poderemos levantar a hipótese de que a violência de guerra serve para compreendermos a violência de outros Estados de Exceção, como as ditaduras militares. Passemos, então, a tentar compreender melhor os dois acontecimentos da história política do Brasil e da Alemanha e como eles serão representados pela via da produção literária.

A violência a serviço do poder: os governos ditatoriais no Brasil e na RDA

Como já dissemos anteriormente, o golpe de Estado ocorrido em 31 de março de 1964, responsável pela instauração de um regime totalitário no Brasil, é fruto de um processo que remonta ao final da década de 1950 e ao início da década de 1960. Em âmbito internacional, a Guerra Fria e a disputa pela hegemonia econômica e política do mundo pelos blocos norte-americano (capitalista) e soviético (socialista) colocavam o resto do mundo sob a influência direta dos dois blocos. No Brasil, após a renúncia do presidente Jânio Quadros (1961), o vice-presidente

João Goulart assumiu num clima político bastante adverso. As elites, temerosas com a possibilidade de uma revolução socialista, não viam favoravelmente a política populista de Goulart, que defendia as reformas agrária, econômica e educacional. Além disso, o fato de Goulart ter visitado a China quando ainda era vice de Jânio Quadros contribuiu ainda mais para uma imagem negativa diante das elites, já que a China era o “país do socialismo radical a que se vinculava o Partido Comunista do Brasil – PCB [...]” (MALARD, 2006, p. 34). Sendo assim, a insatisfação da classe dominante brasileira, dos militares e de considerável ala da igreja católica com o governo de João Goulart somada à influência dos Estados Unidos, são fatores de fundamental importância para compreendermos o golpe militar que colocou o Brasil sob violenta ditadura a partir de 31 de março de 1964.

Como não poderia deixar de ser, a produção literária brasileira é atingida de forma considerável pela política totalitária e violenta do governo militar, principalmente depois de ser decretado, em 1968, o Ato Institucional Número 5 (AI-5), que previa o fim do *habeas corpus*, o fechamento do congresso, a cassação sumária de mandatos políticos e intensa repressão aos dissidentes do regime ditatorial. Esse quadro se agravou em 1969, quando passou a vigorar a Lei de Segurança Nacional, a partir da qual foi estabelecido o fim da liberdade de imprensa e de associação. Nesse sentido, Seligmann-Silva (2006)² destaca que:

[...] o que aconteceu durante a última ditadura brasileira foi um flagrante atentado a esta forma mesma do Estado de Direito, com todos os seus limites estruturais. A violência ao invés de dormir no seio da lei [...] passou a dominá-la por completo. [...] a prática generalizada da violência através da perseguição, encarceramento, tortura, assassinato de opositores deu-se inteiramente fora da lei, nas bordas deste aparato jurídico em si monstruoso (que além de implantar o Estado de Exceção e suspender o *habeas corpus* previa a pena de morte, que nunca foi aplicada juridicamente, mas apenas às escondidas nos porões da ditadura).

Através do AI-5, o governo interferia diretamente na vida cultural por meio da rígida censura, gerando uma ruptura com o discurso das organizações de esquerda e demais formas de engajamento social. Em meio a essa violência propagada pelo Estado de Exceção no Brasil questiona-se, aqui, o lugar da obra literária e de que modo ela dialogou com o momento histórico e com as formas de

² SELIGMAN-SILVA, Márcio. **Literatura e autoritarismo. Memórias da repressão**. Disponível em <http://coralx.ufsm.br/grpesqla/revista/num09/art_02.php>. Acesso em 29 de junho de 2010.

violência perpetradas pela ditadura militar. Considerando a década de 1970, é possível detectar algumas tendências da produção literária brasileira e suas relações com a violência causada pela ditadura militar. De acordo com Renato Franco (2003), a literatura do período apresentou o chamado “romance da desilusão urbana” (FRANCO, 2003, p. 354), em que se percebe, nas narrativas, a desilusão frente às possibilidades de transformação social por meio da luta armada (retratada como ingênua e despreparada) e conseqüente instauração de um governo calcado em ideais de esquerda.

Porém, em que medida a instauração de um governo calcado em ideais de esquerda representaria, efetivamente, uma mudança? O cidadão experimentaria maior liberdade se a ditadura de direita instaurada em 1964 fosse substituída por outra, pela ditadura de esquerda, do proletariado? Será que os mecanismos de atuação de um governo esquerdista, em se tratando do controle das instituições com vistas ao estabelecimento de uma nova ordem social e política, poderiam ser semelhantes aos mecanismos violentos e tão duramente criticados da direita? Pensemos, por exemplo, nos métodos empregados pelo chefe de estado da União Soviética, Joseph Stalin, para promover o desenvolvimento industrial no país. Para alcançar seu objetivo, Stalin lançou mão, entre outras medidas, de um programa forçado de coletivização da agricultura e de abolição da propriedade privada. O sucesso do programa só foi possível graças ao assassinato de agricultores e à criação de um estado de terror policial. Desse modo, promoveu-se a eliminação de adversários políticos em potencial³.

A situação política na RDA é mais bem compreendida ao considerarmos o viés acima. A divisão da Alemanha em República Federal da Alemanha (RFA – capitalista) e República Democrática Alemã (RDA – socialista) tem origem no final da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945). Logo após o término do conflito a Alemanha derrotada foi dividida entre as forças vencedoras aliadas, formadas por Estados Unidos, União Soviética, França e Grã-Bretanha. Aos norte-americanos, britânicos e franceses coube a parte oeste da Alemanha, ao passo que aos soviéticos, coube a parte leste. Em 1949 são criados oficialmente os dois países: a Alemanha Ocidental e a Alemanha Oriental.

³ Matéria especial: Qual ditador matou mais em todos os tempos? da revista Superinteressante. Disponível em < http://super.abril.com.br/revista/246/materia_revista_261295.shtml?pagina=2 >. Acesso em 15 de setembro de 2011.

As tensões entre o leste e o oeste alemães cresceram e foram sendo agravadas, principalmente, pelo êxodo de cidadãos da RDA para a RFA, pessoas que buscavam fugir dos abusos do regime totalitário e violento da Alemanha Oriental. Em especial sobre o acontecimento que resultou na construção do Muro de Berlim, o site *Deutsche Welle*⁴, relata que, em julho de 1961, “o alojamento de Marienfelde, em Berlim Ocidental, registrava o novo recorde de 30 mil fugitivos da Alemanha comunista. Em agosto, passavam a fronteira diariamente de mil a quatro mil pessoas”. Temeroso com as constantes emigrações, o chefe de governo e secretário do *SED* (Partido Socialista Unitário) da Alemanha Oriental, Walter Ulbricht, encarregou Erich Honecker, então secretário do Conselho Nacional de Defesa, de cercar a fronteira. Na madrugada do dia 13 de agosto de 1961, cerca de 20 mil policiais da Guarda da Fronteira, além de agentes do Serviço Secreto da RDA (*Stasi*) iniciaram a construção da barreira que dividiu a cidade de Berlim por 28 anos.

Sujeito violentado: a crítica da *gewalt* nas obras de Caio Fernando Abreu e Thomas Brussig.

Em meio ao processo de abertura política do Brasil, iniciado em 1979, é lançado, no ano de 1982, aquele que será o mais aclamado dos trabalhos ficcionais de Caio Fernando Abreu, o livro de contos *Morangos mofados*. Nessa coletânea, os personagens têm a característica comum de estarem em meio a um processo de revisão de conceitos, seja no campo da experiência existencial, seja no campo do posicionamento político. Produzido num período de incertezas quanto à ordem sociopolítica que vigoraria no Brasil, *Morangos mofados* traz enredos permeados pelo desejo de mudança. O sujeito será representado em meio a esse anseio e sob uma perspectiva de fragmentação, de vazio, de angústia, tal como podemos perceber na leitura de “Os sobreviventes”. O conto apresenta dois personagens, um homem e uma mulher, que viveram o momento mais violento da ditadura militar brasileira. A personagem feminina rememora, de maneira confusa, sua trajetória de resistência ao regime violento e o período em que ficou internada logo após ter sido colocada em liberdade:

⁴ Especial *O dia em que Berlim Ocidental amanheceu cercada*, publicado no site *Deutsche Welle*. Disponível em <<http://www.dw-world.de/dw/article/0,,672053,00.html>>. Acesso em 01 de julho de 2010.

[...] eu te olhava entupida de Mandrix e babava soluçando perdi minha alegria, anoiteci, roubaram minha esperança, enquanto você, solidário e positivo, apertava meu ombro com sua mão apesar de tudo viril repetindo reage, companheira, reage, a causa precisa dessa tua cabecinha privilegiada, teu potencial criativo, tua lucidez libertária, bababá bababá. As pessoas se transformavam em cadáveres decompostos à minha frente, minha pele era triste e suja, as noites não terminavam nunca, ninguém me tocava, mas eu reagi, despirei, e cadê a causa, cadê a luta, cadê o potencial criativo? (ABREU, 1982, p. 16).

Jaime Ginzburg (2008) destaca que, justamente quando uma das protagonistas do conto se restabelece após a experiência da tortura e decide, novamente, participar de modo efetivo na luta política no Brasil, o sentimento é de impotência frente às condições em que se encontra o país. De acordo com o estudioso, “embora recuperada, a personagem reconhece estar impotente com relação às possibilidades de transformação da sociedade” (GINZBURG, 2008, p. 45).

A ânsia de encontrar algo impossível de se encontrar, além do vazio e do desamparo, podem aparecer de diversas formas, como através do álcool, das drogas, do misticismo e da experiência sexual. Todavia, mais do que uma válvula de escape, tais “saídas” representam a incapacidade do sujeito de lidar com seu passado e organizá-lo. O sujeito não consegue dar conta da experiência que provocou a dor e o vazio e, sendo, assim, resta uma sensação de desilusão e de falta de um horizonte: “Já li tudo, cara, já tentei macrobiótica psicanálise drogas acupuntura suicídio ioga dança natação cooper astrologia patins marxismo candomblé, boate gay ecologia, sobrou só esse nó no peito, agora o que faço”? (ABREU, 1982, p. 15).

Outra característica interessante de “Os sobreviventes”, e que aparecerá, posteriormente, em outras obras de Caio, é que os referenciais de tempo e de espaço dos personagens terão configurações peculiares, contribuindo para a construção do cenário de decadência e da fragmentação do sujeito. A “noite interminável” e violenta, como era conhecida a ditadura, será sempre lembrada pelos personagens. O tempo do presente é representado numa mescla com o passado, mas os personagens tentam organizar a partir do trabalho de memória. Diante da incapacidade de lidar com o trauma e com a dor vivenciados na época do

regime totalitário, a narrativa demonstra um sujeito perdido, impossibilitado de encontrar respostas para suas inquietações, seja no presente (opressor e que não faz sentido), seja no passado (carregado de dor e de frustração pelo fracasso na tentativa de mudança na ordem social). Sendo assim, tudo o que resta para os dois sobreviventes do conto é o vazio, que eles nem mesmo conseguem nomear:

Podia ter dado certo entre a gente, ou não, eu nem sei o que é dar certo, mas naquele tempo você ainda não tinha se decidido a dar o rabo nem eu a lamber boceta, ai que gracinha nossos livrinhos de Marx, depois Marcuse, depois Reich, depois Castañeda, depois Laing embaixo do braço, aqueles sonhos tolos colonizados nas cabecinhas idiotas, bolsas na Sorbonne, chás com Simone e Jean-Paul nos 50 em Paris, 60 em Londres ouvindo here comes the sun here comes the sun little darling, 70 em Nova York dançando disco-music no Studio 54, 80 a gente aqui mastigando esta coisa porca sem conseguir engolir nem cuspir fora nem esquecer esse azedo na boca (ABREU, 1982, p. 14).

A tentativa de rememoração do passado esbarra, portanto, no bloqueio causado pela dor de ter passado por uma experiência de violência. Para a personagem o fato de ter sobrevivido contribui ainda mais para a sensação de impotência diante da impunidade do algoz. Este, no caso, o governo da ditadura militar, na condição de Estado mantenedor da ordem, lançara mão da violência para poder colocar em prática seu projeto político. Do ponto de vista da manutenção de certa ordem social, o Estado brasileiro não via problemas em utilizar métodos violentos, pois a violência estaria a serviço de fins “justos”. A crítica da personagem do conto de Caio Fernando Abreu coloca o dedo justamente na ferida ainda (hoje) da impunidade dos perpetradores da violência e num certo apagamento dos atos de barbárie após a Anistia de 1979.

Ações semelhantes do Estado se deram na Alemanha Oriental. Entre os inúmeros mecanismos do governo para manter a ordem e, por extensão, o poder, estava o Muro de Berlim. Em *O charuto apagado de Churchill* (1999), romance de Thomas Brussig, nos deparamos com uma miniatura da cisão entre as duas Alemanhas e com os métodos de violência do regime da RDA. A história do romance se passa num pequeno trecho da Alameda do Sol, uma rua de Berlim com mais ou menos cinco quilômetros de extensão. Com a construção do muro, as casas de número 1 a 370 ficaram do lado ocidental da cidade, e os imóveis com numeração 379 a 411, ou seja, apenas os últimos sessenta metros, do lado oriental.

No intuito de vigiar os cidadãos do lado oriental e na tentativa de evitar que dissidentes, principalmente trabalhadores qualificados, fugissem rumo ao ocidente, o governo da RDA contava não só com o Muro de Berlim e com a violência em si, mas também com torres de vigia, *check points*, bloqueios com arame farpado e a chamada faixa da morte. Quem dela se aproximasse seria morto a tiros pelos guardas da fronteira. Esse é o cenário pelo qual transitam Michael (apelidado de Micha por seus amigos) e os demais personagens do romance de Thomas Brussig.

Diante desse quadro é possível relacionar Brasil e Alemanha Oriental? Se a finalidade era o poder e se esta finalidade foi alcançada por meio de métodos violentos, podemos estabelecer tal relação? Se os objetivos nos dois países foram atingidos pela via da violência podemos dizer que os regimes ditatoriais de Brasil e RDA apresentam semelhanças?

A partir dessas considerações formulamos mais perguntas: como representar essa violência na literatura? Como dar conta de tal experiência? Se na obra de Caio Fernando Abreu o ato de lembrar esbarra na dor geradora da impossibilidade de ação, resultando num vazio, na obra de Thomas Brussig o antídoto contra a violência é o humor. Uma vez que a rememoração nua e crua dos fatos traz de volta a dor da experiência vivida, o humor serve como mecanismo de denúncia e de defesa diante da dor, da violência e da morte, como frisa Lélia Parreira Duarte:

Escrever e, principalmente, criar, seriam [...] formas de desmorronar a realidade cotidiana [...] trazendo a possibilidade de rir da solidão, do medo e da insegurança, que podem, assim, ser enfrentados ou cuja presença pode ser então fingidamente ignorada, abrindo caminho para a saída do real indesejado, onde habitam a fragilidade, a impotência e a inexorável morte (DUARTE, 2006, p. 64).

Na concepção da autora, o riso poderia significar a libertação diante do ato de violência. Em vez de tentar justificar racionalmente a violência imposta pelo Estado de Exceção da RDA, em vez de tentar entender aquilo que não se pode entender, o romance de Brussig opta pelo humor ao longo de toda a trama. O narrador ri do sistema e aponta como o regime ditatorial da RDA era absurdo em sua ânsia de controlar os cidadãos em todas as esferas da vida. Desse modo, subvertem-se as regras do jogo. Por alguns instantes o algoz, ao ser ridicularizado,

consegue ser submetido pela vítima, como podemos observar na análise de um dos vários episódios engraçados do romance.

Um dos amigos do protagonista Micha, Carapinha, havia comprado no mercado negro um disco dos Rolling Stones, já que na RDA era proibido até mesmo ouvir qualquer tipo de música que não estivesse de acordo com a doutrina do regime. Enquanto Carapinha empreende sua luta para conseguir o disco, Micha recebe uma carta de amor de Miriam, sua vizinha. Contudo, a carta é confiscada por um dos guardas da fronteira, que joga o envelope fora e este cai justamente na faixa da morte. Conforme já foi destacado, quem se aproximasse da faixa da morte seria alvejado pelo oficial. Tudo em nome da segurança nacional na Alemanha Oriental. E é em nome da mesma segurança nacional que o guarda da fronteira confisca um aparelho de rádio japonês de outro personagem.

Um momento de tensão no romance se instaura quando o policial liga o rádio na rede elétrica e ocorre um curto-circuito:

A queda de energia aconteceu exatamente no instante em que o policial da fronteira ligou o complicado aparelho japonês de hi-fi na rede elétrica alemã-oriental. Houve um curto-circuito... E tudo ficou escuro como breu. O policial da fronteira, experiente em teorias conspiratórias, compreendeu com a rapidez de um raio que o aparelho de hi-fi japonês era uma espécie de Cavalo de Tróia, e que somente por causa disso havia sido jogado às mãos da aduana, com o objetivo de causar uma queda de energia. E por isso o policial deu imediatamente o alarme geral.

- Alarme na fronteira! – ele gritou e disparou sinalizadores em direção aos céus [...] (BRUSSIG, 1999, p. 126).

No exato instante do curto-circuito, Carapinha e Micha estavam tentando recuperar a carta de Miriam com o auxílio de um aspirador de pó. A ideia era chegar o mais perto possível da faixa da morte com o cano do aparelho e sugar o envelope. Com o escuro e com apenas sombras surgindo na Alameda do Sol por conta das luzes dos sinalizadores, Micha e Carapinha são confundidos com terroristas, pois, segundo o narrador não passaria pela cabeça de nenhum policial que os dois amigos estavam apenas tentando recuperar uma carta de amor. É neste momento que um dos policiais da fronteira dispara um tiro, atingindo Carapinha.

Carapinha estava deitado no meio da estrada, inerte, e todos choravam. O tiro havia rasgado o casaco na altura do coração. Todos sempre tinham esperado jamais ter de vivenciar algo como

aquilo. Mas eis que agora tinha acontecido. Carapinha ainda se mexia. A existencialista se curvou e lançou sobre ele seus braços a fim de, pelo menos na morte, lhe dar uma cama mais confortável nos braços... Mas de repente Carapinha içou seu corpo. Desabotoou o casaco e tirou para fora, ainda atordoado o Exile on Main Street. [o álbum dos Rolling Stones] O disco estava arrebatado por causa do tiro, mas tinha lhe salvo a vida.

Carapinha começou a chorar.

- A gravação inglesa legítima! [...] (BRUSSIG, 1999, p. 127, colchetes nossos).

O insólito aqui, mais do que salvar a vida do personagem funciona como mecanismo de defesa contra a violência perpetrada pelo Estado. Para manter a ordem e o poder o governo da Alemanha Oriental era capaz, mesmo, de assassinar pessoas. Através do humor é possível fazer um enfrentamento dessa realidade, por isso Carapinha não morre em consequência do tiro, pois o humor funciona como uma saída desse real doloroso. O disco de Carapinha poderia ser também uma saída simbólica para os cidadãos da RDA. Uma demonstração de que outra realidade é possível. Até porque, e fazendo uma paráfrase de uma fala do narrador do romance, de alguma maneira era necessário se defender contra aquilo tudo. De alguma maneira era preciso sentir que eles não podiam proibir tudo conforme pensavam. (BRUSSIG, 1999, p. 129).

Referências

ABREU, C. F. **Morangos mofados**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1982.

BENJAMIN, W. Para uma crítica da violência. In: GAGNEBIN, J. M. (org). **Escritos sobre mito e linguagem**. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2011.

BRUSSIG THOMAS. **O charuto apagado de Churchill**. Trad. Marcelo Backes. Porto Alegre: LP&M, 2005.

Especial O dia em que Berlim Ocidental amanheceu cercada, publicado no site Deutsche Welle. Disponível em <<http://www.dw-world.de/dw/article/0,,672053,00.html>>. Acesso em 01 de julho de 2010.

GINZBURG, J. Memória da ditadura em Caio Fernando Abreu e Luís Fernando Veríssimo. Disponível em: < <http://www.letras.ufmg.br/poslit>>. Acesso em 11 de setembro de 2011.

MALARD, LETÍCIA. **Literatura e dissidência política**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SANTOS, L. A. B.; OLIVEIRA, S. P. de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SELIGMANN-SILVA, M. Literatura e autoritarismo. Memórias da repressão. Disponível em <http://coralx.ufsm.br/grpesqla/revista/num09/art_02.php>. Acesso em 29 de junho de 2010.

_____. Walter Benjamin: o estado de exceção entre o político e o estético. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org). **Leituras de Walter Benjamin** (2ª ed). São Paulo: Annablume, 2007.

SUPERINTERESSANTE. Qual ditador matou mais em todos os tempos? Disponível em < http://super.abril.com.br/revista/246/materia_revista_261295.shtml?pagina=2 >. Acesso em 15 de setembro de 2011.